

humanitas

Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA
MCMLXXIII-IV



o mosteiro de Alcobaça a gloria de ter sido a primeira escola pública lusitana e, como tal, a antecessora da Universidade Portuguesa, viciou — com a alteração de um pormenor do texto latino — um documento que testemunha apenas a existência naquele mosteiro de uma escola particular como outras que são igualmente anteriores à fundação dos Estudos Gerais dionisianos em Lisboa.

Finalmente, em *addenda*, Mário Brandão apresenta duas notas, uma feita ao seu estudo «A livraria do P.^e Francisco Suárez» publicado no vol. I desta colecção (8), em que acrescenta aos elementos aí publicados alguns documentos encontrados no Arquivo da Universidade respeitantes a livros adquiridos pelo *Doctor Eximius* graças aos subsídios concedidos pela Universidade. A outra nota refere-se ao trabalho «Prejuízos causados à Universidade pela terceira invasão francesa» acima referido.

É inestimável o valor de qualquer um destes estudos, que agora aparecem reunidos num único volume para maior acessibilidade aos estudiosos de hoje. Continuam a ser eles fonte segura de informação histórica pela fundamentação documental em que se apoiam.

Foi pena que tivessem escapado às malhas da revisão do texto um número considerável de «gralhas» e de erros ortográficos que o desfeiam, no domínio da acentuação (verdadeiramente caótica), da pontuação (com um uso das vírgulas muito estranho), da sintaxe e — o que faz mais pena — da morfologia (9).

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

(8) *Estudos Vários*, vol. I. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra, 1972, pp. 45 sqq.

(9) Como exemplos do primeiro caso aparecem palavras com falta de acento: *atribuam* pp. 185, 276, *atribuía* 182, *contribuía* 177, *atribuímos* 214, *atribuíram* 152, 159, *influiram* 152, *influíra* 279, *contribuíram* 283 bis, *diminuíra* 311, *ruido* 182, *historia* 142, *poderíamos* 155, *procurávamos* 178, *colera* 192, *dessemos* 210, *necessarias* 237; *bachareis* 159, *Saboia* 195, *bedeis* 218, 242; *atrabilis* 314, *acórdão* 157, 160, 163, 169, 173, 200, *por* (verbo pôr) 187, 219, 220, 261, 265. Casos de acento indevido: *cumpri-la* 174, *resumi-los* 170, *pedi-la* 222, *consegui-la* 231, *seguí-lo-ia* 281; *concluiu* 21, *influiu* 221, 236, *excluiu* 226, *saiu* 236, *atribuiu* 281; *ináto* 126, *continuáram* 233, *écos* 255, *assinála-se* 281; *unicamente* 157, *perpétuamente* 164, *públicamente* 166, *espontâneamente* 282; e casos de acento trocado: *cairiamos* 210, *éxito* 296. No campo da sintaxe: *os franceses... tinha saqueado* 19; *voltaram a serem publicadas* 72; *propósitos bem mais audaciosos dos que estavam* 276; *visto pretendia* 257, *visto... se levantaram dívidas* 293, *visto... fora pilhada* 314. Quanto à morfologia, alguns exemplos: *cumputa* 17, *encorrera* 75, *com* (por *como*) 132, 189, *por ventura* 132, 296, *ilucidativo* 159, *magestosas* 164, *estripar* (por *extirpar*) 166, *visinhos* 166, *redicularizar* 173, *inqueridor* 183, *inquerição* 185, 243, *Devindade* 204, *deligência* 272, *dispótico/a* 220, 226, *exonoração* 235, *quanto muito* 276, *propunhasse* 298, *diminuitíssima* 198; e as formas dos verbos *repor* e *poder* com *o* no radical do pretérito: *reposeira* 295, *poderam* 7, 11, *podesse/m* 140, 237, 249, 284; 167, 257, 296, *podêmos* 149, *poude* 167.

TERTULIANO, *A Moda Feminina. Os Espectáculos*. Tradução, introdução e notas de FERNANDO MELRO e JOÃO MAIA. Col. «Origens do Cristianismo». Editorial Verbo, Lisboa — S. Paulo, 1974, 122 pp.

Depois de Santo Agostinho, Tertuliano é, porventura, o autor mais lido e apreciado da latinidade cristã; hoje, talvez não tanto pelo conteúdo doutrinário da sua obra, como pelo impacto de uma personalidade inesgotavelmente rica que, a séculos de distância, tem o condão de reflectir ainda os problemas e as contradições do nosso tempo. Isso mesmo poderá constatar-se numa leitura atenta de dois discursos de Tertuliano, que a Editorial Verbo há pouco lançou: o *De Cultu Feminarum* e o *De Spectaculis*, traduzidos respectivamente por Fernando Melro e João Maia.

O volume integra-se na colecção «Origens do Cristianismo», inspirada na sua homónima francesa «Sources Chrétiennes» e dirigida por António Montes Moreira, da Universidade Católica Portuguesa. Da oportunidade da colecção, que conta já, além do presente volume, com mais dois — um de Santo Agostinho, outro de S. João Crisóstomo — não valerá a pena falar; a quase total ausência dos grandes textos e autores cristãos (cujo interesse, naturalmente, não se restringe ao campo religioso) é, por si, eloquente. Nesta medida, parece-nos de realçar a escolha de ambos os discursos insertos; quer pela extensão equilibrada, quer pela sua temática (ainda não ausente da ordem do dia...), quer pela diversificação de interesses, de recursos e argumentos utilizados — predominantemente bíblicos no primeiro e histórico-culturais no segundo — os textos publicados prestam-se a uma excelente introdução ao pensamento e à obra de Tertuliano que, esperemos, venha a ter continuidade em traduções de obras de maior fôlego, como o *Apologeticum* ou o *De Anima*.

Apraz-nos registar, no volume vindo a público, a preocupação de referir, pelo menos no primeiro caso, a edição que serve de base aos tradutores; assinale-se, na mesma linha de seriedade e rigor científico, a cuidadosa anotação dos capítulos e dos parágrafos, bem como as constantes remissões para os passos bíblicos originais, que permitem a utilização do texto como instrumento de trabalho. No que respeita à apresentação, cremos que teria havido vantagem em estabelecer um critério uniforme para os dois discursos; as duas introduções contrastam bastante entre si (note-se que a segunda nem sequer é feita pelo tradutor, João Maia, mas sim pelo director da colecção, António Montes Moreira), e do mesmo modo, o aspecto exterior dos discursos: enquanto o primeiro inclui em rodapé o sumário dos assuntos tratados nos capítulos e parágrafos correspondentes, no segundo preferiu-se o sistema da divisão por títulos. Aliás, o pormenor é secundário.

Há também numerosas gralhas, que convirá corrigir. Alguns exemplos: p. 54 'sejo' em vez de 'seja'; p. 89 'aquela' em vez de 'aquele'; p. 98 'banco' em vez de 'branco'; p. 110 provável falta de 'se' (todavia *se* o que não tem culpas...); p. 113 'essência' por 'essência'.

Ambas as versões têm, à partida, o mérito de não ser cópia de «outras cópias», como tem sido uso e abuso entre nós; a forma como muitas das dificuldades foram

resolvidas, os processos e o estilo peculiar de cada um dos tradutores, mostra que se trata de um trabalho sério e pessoal, evidenciando não apenas um bom conhecimento da língua, mas também um razoável domínio no âmbito do Latim Cristão, e em especial de Tertuliano.

Traço comum a ambas as versões é o critério de aproximação à linguagem literária dos Sermões, consignada em alguns tópicos essenciais: vocabulares, frásicos, rítmicos etc. Não obstante, ambos os discursos são notoriamente diversos entre si. O primeiro representa uma adaptação, por assim dizer, «clássica» do género, visando manter, tão fielmente quanto possível, a estrutura da frase latina, o exacto peso conotativo, os processos retóricos dominantes, através de todo um formulário há muito estabelecido na nossa tradição literária (atente-se, por exemplo, no curioso efeito estilístico conseguido, mesmo no final do livro I, que, sem custo, passaria por um dos melhores trechos de Vieira). Quanto ao segundo discurso, poderemos antes defini-lo como uma espécie de adaptação «livre» desse mesmo modelo, onde os dons do criador literário, que o P.^e João Maia é, não raro se sobrepõem aos do tradutor (embora sem as características negativas de certas traduções «livres» como as que de Xenofonte nos deixou Aquilino).

A *Moda Feminina* constitui no conjunto uma tentativa bem sucedida de conciliar, como atrás dissemos, a fidelidade ao texto com um tipo de linguagem específica, de forte poder sugestivo; saliente-se, nalguns passos mais felizes, a regular homogeneidade do estilo, o sentido de ritmo na construção da frase e a utilização precisa de certas fórmulas oratórias ('guarde uma santa mulher...'; 'porque haveis de ser perfeitas...'). Esta apreciação genérica não impede, aqui e além, de assinalarmos pontos, porventura mais discutíveis ou até inexactos na tradução. Exemplifiquemos: *ultra quam deo placet*, em II 5.1 (p. 60), aparece traduzido por 'mais do que isso, agradaí a Deus', onde facilmente se lê 'mais do que é agradável a Deus' (erro de correcção de provas?); a *nomini Christiano*, em II 5.5, faz-se equivaler 'para um nome cristão' sem ter em conta o carácter de aposição deste adjectivo, que corresponderá mais naturalmente em Português a 'para um nome de cristão'; em II 3.1 'da beleza do corpo são' apresenta-se um acréscimo desnecessário — o adjectivo 'são' — ao texto latino, que tem apenas *decori corporis*; *nescio an*, se bem que num passo se ajuste a uma tradução literal ('não sei se', II 13.4) noutros ficaria melhor traduzido por 'talvez' (II 2.4). Discordamos também de certo uso imoderado de latinismos sintácticos (orações participiais e gerundivas) e vocabulares, como 'século' para traduzir *saeculum* (em vez de 'época', 'mundo', 'geração') 'merecimento' (em contexto não apreciativo) para *meritum*, 'suspeitas' (impudicas) para *suspiciones (impudicas)* em vez de 'pensamentos', etc. Ocasionalmente, o texto ressent-se de uma falta de domínio na ordenação de frases muito longas ou repetitivas: I 2.2, 9.1 e o último período de 6.1.

Em contrapartida, outros momentos bastante apreciáveis ressaltam ao longo da tradução, marcando a sua qualidade literária; citemos, a título de exemplo, os passos 9.3 do livro I e, do livro II, 1.2, 9.1-5, 13 e 12.2, este último, com um desvio sintáctico de efeito extraordinariamente feliz: 'se a cidade poderosa, entronizada no alto das sete colinas e sobre as incontáveis águas...' (lat. *quae super montes septem et plurimas aquas praesidet...*).

A tradução do segundo discurso, *Os Espectáculos*, perde muito sem uma segunda leitura; um primeiro contacto deixa, forçosamente, o leitor desconcertado (quando

não agastado...) perante a amálgama de estilos que se enxertam, de forma nem sempre equilibrada, num tronco comum de linguagem literária, cujas potencialidades o tradutor explora com grande recurso e dom inventivo. A compreensão do texto resulta, no seu todo, bastante segura; mesmo nas frequentes remodelações sintácticas empreendidas sobre o texto, ora no sentido de encurtar, ora no de alterar a proporção das frases, o domínio da língua é uma característica que jamais deixa de se fazer sentir. Acrescente-se a isto uma impressionante variedade de recursos linguísticos, que vão desde o regionalismo puro ('chamadoiro' = 'nome', 'amesendar' = 'sentar-se à mesa') ao puro calão ('velhaco', 'traste', 'borrachão', etc.), passando por uma linguagem rebuscadamente literária, onde o latinismo, o arcaísmo e o neologismo de sabor arcaico frequentemente se dão as mãos ('o apelativo circo', 'as presidências que autorizam', 'tristurar-se', 'espuncia', 'falsura', 'culposa', 'desatremer', 'instrumentos musicos' etc.).

Daqui resulta um conjunto bastante heterogéneo, que realiza a sua unidade intrínseca numa inconfundível personalidade de estilo, sempre interessante, embora não isento de aspectos polémicos. Pessoalmente, discordamos de certo destempero vocabular, que nem em todos os casos nos parece ajustar-se a este tipo de tradução, mesmo encarada num prisma de «adaptação livre»; assim, por exemplo, termos de tom regionalista ou fortemente populista, como 'parvajola', 'populacho', 'biltre', — ou expressões não menos destoantes como 'cátedra dos grandes trastes', 'estoira o prazer', 'a edito berrado', etc.

Analogamente ao *De Cultu Feminarum*, a tradução propriamente dita sugere-nos um ou outro reparo; o mais importante diz respeito ao problemático início do cap. 3, *hac conscientia instructi adversus opiniones ethnicorum, convertamur magis ad nostrorum detractatus* (ou: *retractatus*), que o P.^e João Maia traduz por 'mas o que lá vemos e diz com isto é aquela (aquele?) ajuizar dos pagãos, venhamos agora mais de perto ao nosso tratado peculiar de cristãos'; não sabemos qual a edição seguida pelo tradutor, ao contrário do que acontece para o primeiro dos discursos, e por isso desconhecemos qual a lição que adoptou, se *detractatus*, se *retractatus*; de qualquer forma, nem uma nem outra significam 'tratado'; a primeira tem geralmente no Latim tardio o sentido de 'desculpa', 'objecção'; a segunda, de 'investigação', 'discussão' ou 'escrúpulo' 'dúvida', (cf. A. Souter *A Glossary of Later Latin to 600 A.D.*, s.v.). A obscuridade da tradução é ainda acentuada por um desvio sintáctico, este, quanto a nós, inútil e perigoso; a estrutura latina resulta em Português perfeitamente clara: 'munidos desta convicção no tocante às opiniões dos pagãos, voltemo-nos de preferência para as objecções (ou: dúvidas) dos nossos (= cristãos)' (1). Outros reparos visam sobretudo acrescentos ao texto, que não cremos necessários à sua compreensão; é o caso de 'aparato único' em 13.1 (o adjectivo apenas complica o simples *apparatibus* do texto), ou — esse mais discutível — o da explicação que segue o epíteto *ἰππιον*, atribuído a Neptuno em 9.2: 'cavalar ou cavaleiro que tanto dá'; Tertuliano tivera já o cuidado de lhe referir esse carácter

(1) Uma pormenorizada discussão das dificuldades interpretativas deste passo pode ver-se em Tertulliani *De Spectaculis*, a cura di Emanuele Castorina, La Nuova Italia Editrice, Firenze, 1961 (*Biblioteca di Studi Superiori. Scrittori Cristiani Greci e Latini*, vol. XLVII).

com o adjectivo *equestris* ou perdido por cavalos', na expressiva tradução do passo, pelo que tal explicação deveria, quando muito, figurar em nota; não nos parece, mesmo assim, que o termo 'cavalar' fosse adequado neste contexto; algo de semelhante, aliás, ocorre em relação a Baco, no cap. 23.3 quando abusivamente (do ponto de vista do original, entenda-se) se alude ao 'borrachão' do Baco. Aceitemos, todavia, que o tradutor leve a sua aversão aos deuses mitológicos mais longe ainda do que o próprio Tertuliano...

Não obstante estas e outras falhas de pormenor, a versão portuguesa do *De Spectaculis* proporciona momentos de encantamento que não queremos passar sem assinalar: desde as extraordinárias descrições dos jogos e espectáculos de circo (12. 21) que no vigor da linguagem e condensação do ritmo quase arrebatarem como 'espectáculo actual', aos verdadeiros achados de tradução que um pouco por toda a parte ocorrem: 4.1 'para que ninguém diga que nos perdemos em argúcias' (lat. *ne quis argumentari nos putet*); 4.4 'de que berço saltaram a correr mundo' (lat. *quibus incunabulis in saeculum adoleverint*); 5.6 'como quem diz, quem torto nasce tarde se endireita' (lat. *facit enim ad originis maculam, ne bonum existimes quod initium a malo accepit*); 10.3 'Daí golfou a impureza por esse mundo além' (lat. *hoc denique modo id genus operis in saeculo evasit*).

Não há, ao longo do volume, grande abundância de notas; os autores preferiram provavelmente reunir, na introdução a cada um dos discursos, os dados informativos indispensáveis a um bom entendimento dos aspectos culturais, religiosos, literários, que se nos deparam. A observação, de resto, é sobretudo válida para o primeiro dos discursos, cuja introdução dispensa praticamente a existência de notas ao longo do texto; trata-se, com efeito, de um estudo seguro e bem documentado sobre o *De Cultu Feminarum* (ou *Moda Feminina*, na designação do tradutor, — vide justificação, p. 25), onde os problemas específicos do discurso — título, unidade, divisão em livros, cronologia, estilo — são discutidos de forma pormenorizada, mas sempre clara e sintética, com numerosas e pertinentes remissões ao texto. A explicação de certos termos chave, que, por conveniência, o autor mantém em latim (vd. p. 17, n. 2) são de extrema utilidade na leitura e evitam a sobrecarga de notas que se tornariam, pelo menos, necessárias relativamente, v.g. a *habitus*, *cultus* e *ornatus* ou seus associados semânticos *humilitas* e *ambitio*, *puccitia* e *prostitutio*. O mesmo poderá dizer-se quanto à questão do livro de Henoch (p. 33), ao problema das fontes, pagãs e cristãs (pp. 27-28) ou à exemplificação dos aspectos estilísticos (pp. 30-34).

A introdução ao *De Spectaculis*, de António Montes Moreira, com a curiosa panorâmica que oferece da sociedade romana do tempo, será, talvez, mais acessível ao leitor médio; mas, em compensação, os aspectos histórico-culturais, em cujo peso não é por demais insistir, escapam-se-lhe na maior parte ao longo da leitura. É evidente que uma análise mais completa do conteúdo, à semelhança da que foi feita para o *De Cultu*, só parcialmente resolveria a dificuldade, dada a intensa acumulação de referências a personagens ou acontecimentos menos conhecidos, quer da história quer da mitologia; sugeriríamos que, numa revisão deste trabalho, fosse incluído maior número de notas explicativas a passos de carácter marcadamente erudito.

Não estamos perante um autor de leitura fácil; os períodos densos e arresados, o estilo intrincado da argumentação, a revelar o excelente discípulo que Tertuliano foi das melhores escolas da oratória e da sofística, ainda uma natural rigidez que

percorre a obra por inteiro, criam, a um primeiro relance, uma incómoda sensação de perplexidade e distanciamento. Vencida, porém, esta barreira, não será impossível ao leitor dos nossos dias descortinar tópicos de uma impressionante actualidade. Na tendência que, por motivos vários, se acentua, a uma crescente simplificação de esquemas de vida, quer nos hábitos, quer nas normas sociais, no vestuário ou mesmo na linguagem, o nosso tempo reencontra Tertuliano e dá um novo conteúdo às considerações, aparentemente exageradas, de um *De Cultu*, por exemplo; de igual modo, o tom veementemente objurgatório das invectivas contra os *spectacula* não se podem dizer descabidas ou ociosas numa época em que os espectáculos de circo foram substituídos por outros, não menos cruentos.

Enfim, a intransigência, a austeridade quase absurda de uma moral que, por excesso, está em vias de se tornar herética (1), poderão talvez causar surpresa; mas, se se tiver em conta a sociedade de violentos contrastes e desigualdades gritantes, que foi a dos primeiros tempos do Império, compreender-se-á melhor esta máscara de agressividade e intolerância que o Cristianismo teve de assumir, menos por se impor do que por uma questão de sobrevivência.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

ANTERO DE QUENTAL, *Poesia e Prosa* (Sonetos Completos, poemas e prosa escolhidos). Seceção, prefácio e notas de CARLOS FILIPE MOISÉS. S. Paulo, Editora Cultrix, 1974, 448 pp.

Dentro da linha de divulgação dos grandes clássicos da Literatura Portuguesa, apresenta a Editora Cultrix esta colectânea de textos de poesia e prosa de Antero de Quental, seleccionados, prefaciados e comentados pelo Prof. Carlos Filipe Moisés, da Universidade de S. Paulo. Não se trata, felizmente neste caso, de preencher uma lacuna, pois já em 1957 a Editora Agir lançara uma antologia do mesmo autor, a cargo do conhecido crítico Casais Monteiro.

De qualquer forma — e pondo de parte os objectivos didácticos da obra, que nos suscitam bastantes reservas — a antologia em questão oferece um aspecto de efectivo interesse, que o leitor brasileiro (ou português) não deixará de notar; refiro-me à inclusão dos sonetos completos dentro de uma ordenação cronológica mais ou menos possível, em volume que se torna extremamente prático, pelas suas reduzidas dimensões. Com efeito, sem negar a validade do agrupamento por temas, que A. Sérgio consagrou na sua famosa edição dos *Sonetos Completos* (única, provavelmente, conhecida do grande público), creio também, como o organizador da colectânea, na vantagem de uma edição que retome a ordenação semi-cronológica,

(1) Como se sabe, Tertuliano acabou por aderir ao *Montanismo*, seita herética que se caracterizava por um extremo rigor de princípios, ultrapassando de longe o Cristianismo ortodoxo.